

RETOMADA DA ECONOMIA

RAIO-X DAS EMPRESAS



AGRALE

- ▼ **O que produz:** Chassis de ônibus e de caminhões.
- ▼ **Operação no Estado:** Em São Mateus, desde 2015. A previsão era fazer montagem e fabricação de componentes, mas ainda está em galpão provisório, apenas com montagem.
- ▼ **Funcionários no Estado:** 20.
- ▼ **Produção:** 15 a 20 chassis por mês.
- ▼ **Como está o setor:** Caiu, nos últimos três anos, 66%.
- ▼ **Prevê crescimento?** Até 1% para 2017.
- ▼ **Vai investir?** R\$ 40 milhões, entre investimento e capital de giro, em 2018.



WEG

- ▼ **O que produz:** Motores comerciais.
- ▼ **Operação no Estado:** Em Linhares, desde 2011.
- ▼ **Funcionários no Estado:** Tinha 600 no primeiro ano e, em 2014, atingiu 2.500 empregados, que mantém até hoje.
- ▼ **Produção:** 6,3 milhões por ano.
- ▼ **Como está o setor:** O setor automobilístico, um dos que atua, chegou a cair mais de 50% nos últimos 3 anos.
- ▼ **Prevê crescimento?** Entre 1% e 9%. Entre 2014 e 2017, cresceu 8%.
- ▼ **Vai investir?** R\$ 10 milhões em máquinas e equipamentos em 2018.



VOLARE

- ▼ **O que produz:** Veículos para o transporte de passageiros no segmento leve.
- ▼ **Operação no Estado:** Em São Mateus, desde 2014.
- ▼ **Funcionários no Estado:** Iniciou com 100 funcionários e, agora, conta com 140 colaboradores.
- ▼ **Produção:** 2 veículos por dia. Ano passado, fez 1,5 mil. A previsão é 1,6 mil para este ano.
- ▼ **Como está o setor:** O mercado brasileiro de ônibus caiu para apenas um terço do que era desde 2013.
- ▼ **Prevê crescimento?** 10% na produção.
- ▼ **Vai investir?** Vai depender do retorno da demanda.

EM RITMO CHINÊS

Empresas que se instalaram antes da crise no Estado crescem

LUÍSA TORRE
 ltorre@redgazeta.com.br

Retrato da nova onda da diversificação da economia do Espírito Santo, empresas que se instalaram no Estado antes da crise já veem luz no fim do túnel da depressão econômica, sentem melhoria na demanda do mercado e projetam, para 2017, crescimento de dar inveja à China, com números que alcançam a cifra de 25%.

Enquanto o Produto Interno Bruto (PIB) capixaba caiu 12,2% em 2016, uma retração histórica, e a taxa de desemprego bateu 14%, empresas sobreviveram à turbulência sem cortar pessoal e investimentos.

Um exemplo disso é a Oxford Porcelanas, empresa de Santa Catarina que começou a sua operação em São Mateus, em 2016. Hoje, a produção na filial capixaba é de 1,5 milhão de peças por mês e a companhia prevê dobrar esse volume em cinco anos. Para 2017, prevê crescer 15%, segundo o diretor da empresa, Antonio Marcos Schroth. De acordo com ele, a Oxford, apesar da crise, tem conseguido ir bem no mercado, principalmente na América

do Sul e no Brasil.

A estratégia de investir em uma marca nova, focada nas classes B e C, a Biona, deu certo: os produtos que saem da fábrica capixaba têm vendido mais que a média de toda a empresa. “Temos previsão de o grupo crescer 15% e estamos atingindo isso.”

São Mateus concentra também indústrias do setor automotivo que, apesar da crise, vão crescer. Como é o caso da Volare, que aposta em fechar o ano com expansão em torno de 7% na produção de veículos leves – embora esteja operando abaixo do planejado inicialmente, diz o gestor do Negócio Volare da Marcopolo S.A., João Paulo Ledur.

“A operação abaixo do

planejado se deve em razão da queda de demanda do mercado nacional desde 2013. A demanda de 2017 ainda é menor do que a de 2016, mas a expectativa da indústria é fechar com ligeiro crescimento”, complementa. Segundo Ledur, o mercado brasileiro de ônibus caiu para apenas um terço do que era e, somente no meio deste ano, começou a mostrar sinais de retomada.

Essa queda afetou também a Agrale, fabricante de chassis de ônibus e caminhões, que se instalou em São Mateus em 2015. Mesmo assim, a empresa não vai fechar no vermelho este ano: segundo o diretor-presidente, Hugo Zattera, deve crescer até 1%. “A nossa previsão era estar 10 vezes maior. Pre-

AVANÇO

3

milhões de peças
 É quanto a Oxford planeja produzir em cinco anos, o dobro do patamar atual.

víamos chegar a produzir 150 a 200 unidades por mês. Hoje, são 15 a 20 no mês. Estamos com uma instalação ainda provisória. Temos projeto para construção da fábrica, mas estamos atendendo a demanda.”

Se para a Agrale o mercado em baixa não significou ficar no vermelho, para a WEG Motores, que fabrica motores comerciais, o resul-

tado foi semelhante: não tão bom quanto o esperado, mas vai crescer este ano, salienta o diretor-superintendente, Luís Alberto Tiefensee.

“Nós crescemos, de 2014 para cá, 8% no total. A gente também lançou outros produtos, diversificou a linha. Tem que ser criativo. O resultado disso é que na operação em Linhares você não ouviu falar em redução de pessoal. Devemos ter um pequeno crescimento neste ano, de um dígito”, diz, sem revelar de quanto.

Assim como o automotivo, outro setor fortemente afetado pela crise foi a construção civil, onde a Tintas Elit atua há três anos. A empresa, no entanto, deve crescer entre 5% e 10% em vendas neste ano, apesar de

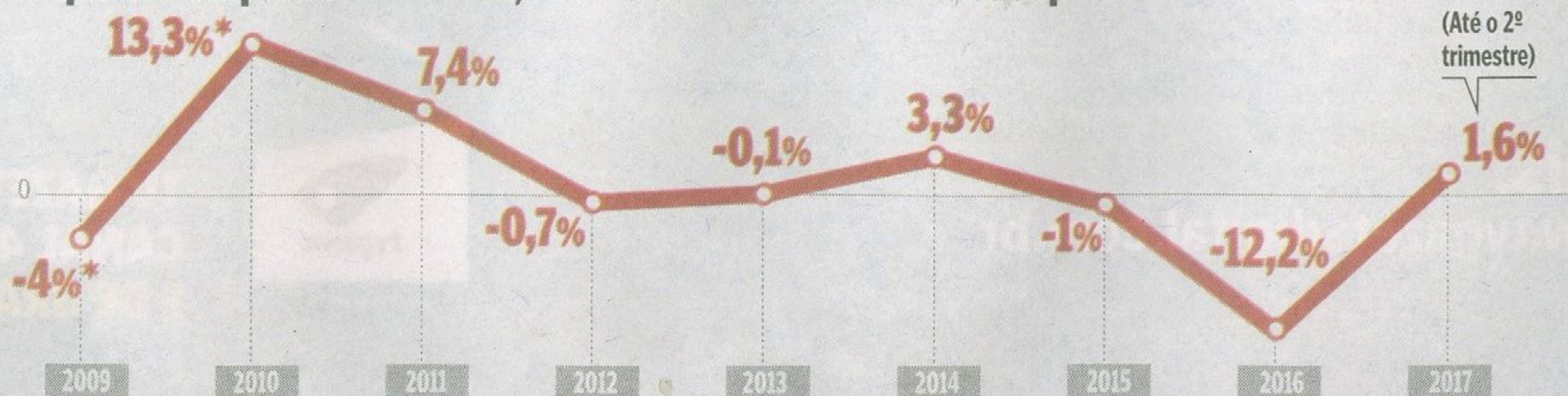
ainda sentir o mercado cambaleante. De acordo com diretor-executivo da companhia, Raphael Cassaro Machado, desde que a fábrica em Viana abriu, está estagnada. “Agora está começando a crescer. Ainda temos capacidade ociosa grande, em torno de 50%.”

Surfando na onda dos produtos naturais, teve quem viu a marca crescer em meio a dificuldades econômicas. Foi o que aconteceu com a Espírito Cacau, que vai investir R\$ 7,5 milhões neste ano e viu seu quadro de funcionários triplicar em quatro anos, de 12 para 36.

“O nosso crescimento vai ser de 25% este ano. Vamos inaugurar uma fábrica no fim do mês. Nosso produto está chegando no mercado nacional, e está sendo bem aceito”, revela Paulo Gonçalves, fundador da companhia.

O economista Orlando Caliman analisa que as empresas que se instalaram no Estado já eram sólidas antes de vir para cá, além de algumas operarem no mercado externo, que não teve crise. “As empresas que avançaram se prepararam na gestão e na tecnologia.”

Enquanto empresas crescem, PIB do ES ainda busca se recuperar





“Os sinais do PIB, do Compete e do Invest são positivos e indicam que se inicia um quadro de recuperação.”

JOSÉ EDUARDO AZEVEDO SECRETÁRIO DE DESENVOLVIMENTO



“As empresas que avançaram se prepararam na gestão e na tecnologia e conseguiram crescer.”

ORLANDO CALIMAN ECONOMISTA



OXFORD

- ▼ **O que produz:** Xícaras, pratos e canecas de porcelana e de cerâmica.
- ▼ **Operação no Estado:** Em São Mateus, desde 2016. No Estado, produz a marca Biona, linha mais popular feita em cerâmica.
- ▼ **Funcionários no Estado:** 400.
- ▼ **Produção:** 1,5 milhão de peças por mês.
- ▼ **Prevê crescimento?** 15% em 2017.
- ▼ **Vai investir?** Em 5 anos, vão dobrar a produção no Estado, fazendo 3 milhões de peças por mês, um investimento de R\$ 45 milhões.



TINTAS ELIT

- ▼ **O que produz:** Tintas.
- ▼ **Operação no Estado:** Desde 2014, em Viana.
- ▼ **Funcionários:** Empresa começou com 120 funcionários, agora são 100.
- ▼ **Produção:** Em 2016, foram 19 milhões de litros. Em 2017, a previsão é de 20 milhões de litros.
- ▼ **Como está o setor:** De 2015 para 2016, o mercado de tintas caiu 7% e deve cair mais 7% neste ano.
- ▼ **Prevê crescimento?** de 5% a 10% nas vendas.
- ▼ **Vai investir?** Hoje, a capacidade ociosa está em torno de 50%. Se o mercado aquecer em 5 anos, ela será ocupada.



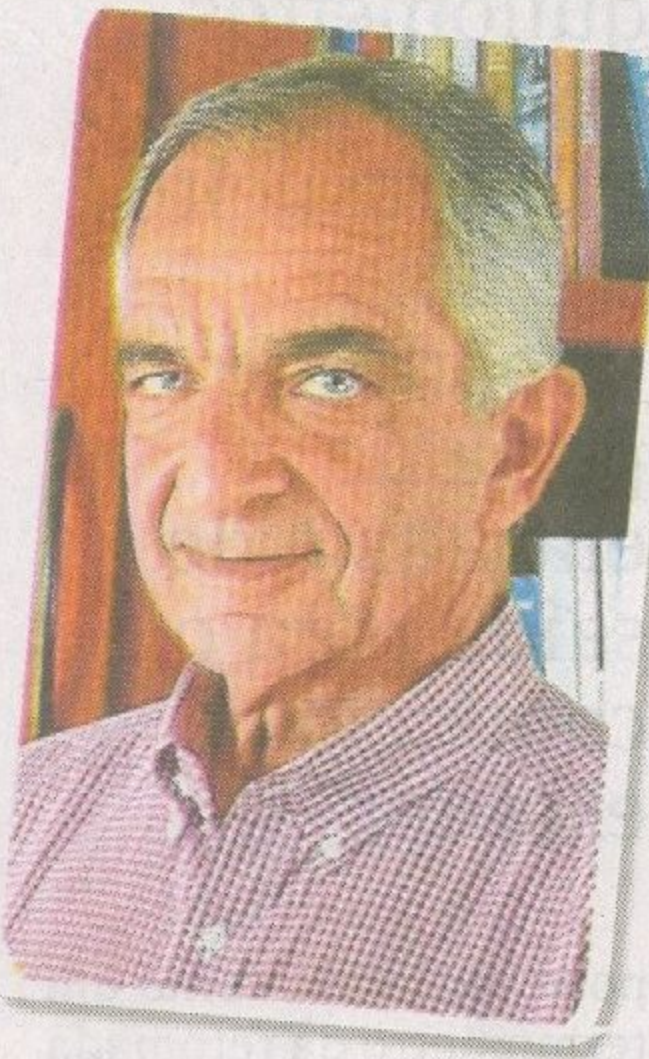
ESPÍRITO CACAU

- ▼ **O que produz:** Chocolates funcionais, com alto teor de cacau.
- ▼ **Operação no ES:** Desde 2013, com fábrica e loja em Vitória.
- ▼ **Funcionários:** Começou com 12, e hoje tem 36
- ▼ **Produção:** Produz 6 toneladas por mês, o que será ampliado para 65 toneladas com a nova fábrica.
- ▼ **Como está o setor:** Entre 2009 e 2014, o mercado de produtos saudáveis e funcionais cresceu 98% no Brasil. A estimativa é crescer 14,8% até 2018.
- ▼ **Prevê crescimento?** De 25% em vendas neste ano.
- ▼ **Vai investir?** Vai inaugurar fábrica na Serra, investimento de R\$ 12 milhões desde 2016.

ANÁLISE

É preciso articular as forças produtivas para dinamizar a economia

« O Estado já teve diversos ciclos da diversificação econômica, desde a crise do café, na década de 1950 e 1960, quando a alternativa buscada foi a industrialização. O primeiro impulso foi com indústrias tradicionais, como frigoríficos, indústria de vestuário e moveleira. Na década de 1970, vem a siderurgia, a pelotização e a celulose, os chamados grandes projetos. Esses processos dinamizaram a economia capixaba. Um desdobramento foi o crescimento da área de metalmeccânica, que ganhou um novo fôlego a partir das descobertas de petróleo nos anos 2000 até 2012. Agora, novas empresas vieram para a região da Sudele (no Norte capixaba). Mas temos uma crise que paralisou investimentos e indústrias, que não têm mais como se expandir. As empresas não estão fechando, mas não são dinamizadoras, não geram mais tantos empregos. Como sair dessa crise? Temos que ter uma política pública de desenvolvimento econômico voltada para articular as forças pro-



duativas do Estado. O Espírito Santo tem uma diversidade de empresas e pesquisa científica e tecnológica, tanto nas universidades quanto no Ifes e nas empresas, principalmente com inserção internacional. A agricultura pode usufruir do setor metalmeccânico, pensando em melhorar a produção. As grandes companhias têm interesse em novos materiais, em nanotecnologia. Temos empresas locais competitivas e precisamos fazer uma articulação para pensar juntos o desenvolvimento da economia do Estado.

—
ARLINDO VILLASCHI
PROFESSOR DE ECONOMIA

Estado volta a atrair novos negócios

DIVULGAÇÃO/ ESTALEIRO JURONG ARACRUZ

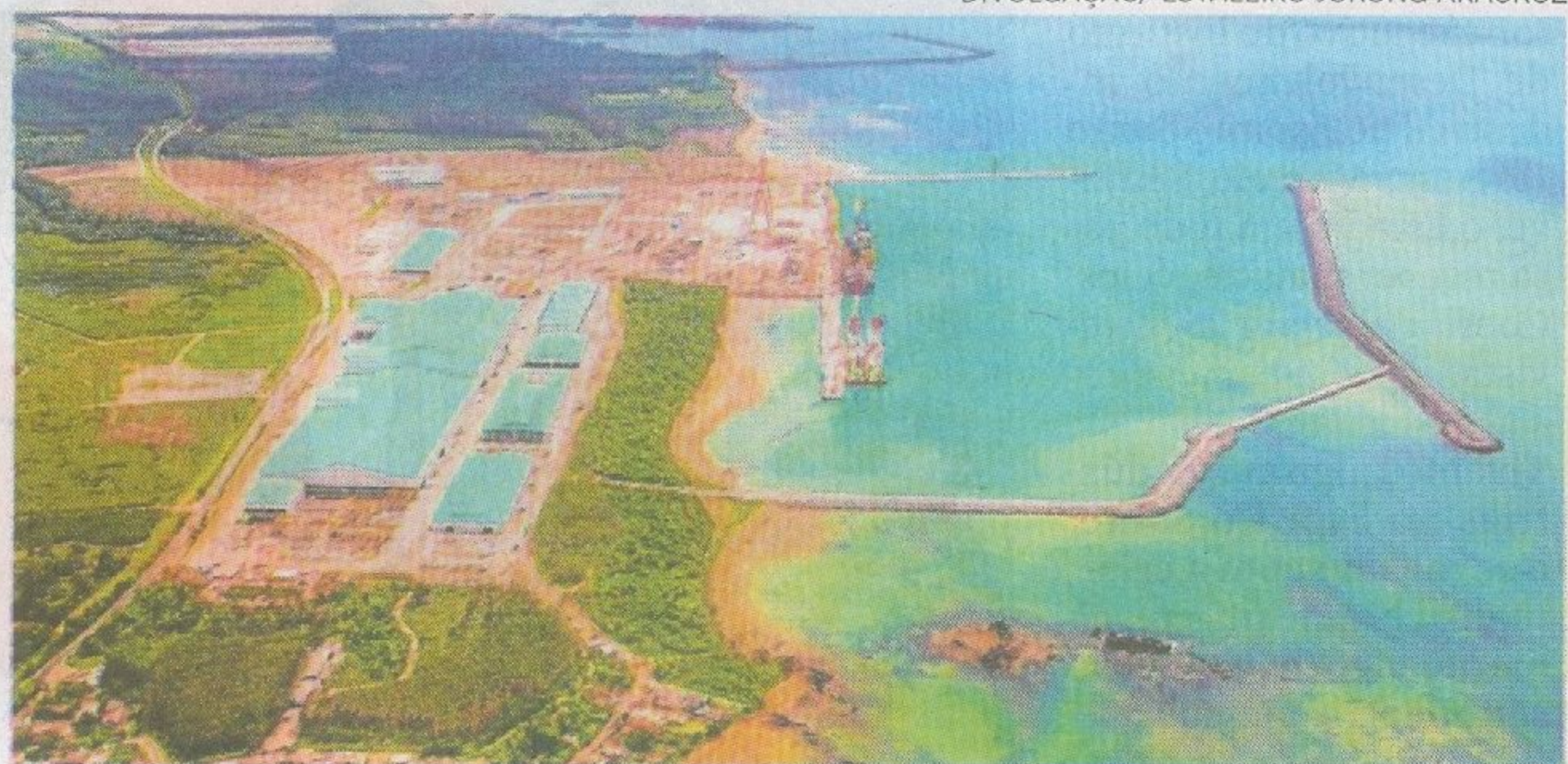
Número de empresas em programas fiscais até agosto já é maior que em todo o ano de 2016

« Acompanhando os ainda incertos sinais de que há uma retomada na economia brasileira, mais grupos empresariais têm buscado o Espírito Santo para estudar a instalação de novas fábricas e filiais. Mais empresas procuraram o governo do Estado interessadas em informações e enquadramento nos programas de incentivos fiscais, como Compete e o Invest.

De acordo com o secretário de Estado do Desenvolvimento (Sedes), José Eduardo Azevedo, em 2016, foram 1.248 empresas inscritas no Compete e, neste ano, até agosto, já são 1.300.

“Alguns setores têm se destacado como o segmento de e-commerce. Esse setor, por exemplo, tinha 45 empresas em 2013 no Compete e, atualmente, são 146 empresas. Comparando com o ano passado tínhamos 126”, pondera. Outro setor, o de transporte rodoviário de cargas, que em 2016 contava com 53 empresas inscritas, conta até agosto deste ano com 69.

O Invest, um programa



O estaleiro Jurong, em Aracruz, sofreu com a queda do mercado de petróleo

para novos investimentos de maior porte, também teve um número maior de adesões. Em 2014, eram 37 empresas; em 2015, 23, e, em 2016, 20 enquadramentos. Neste ano, até o mês de setembro, já foram 25.

“A expectativa este ano é que ultrapasse 30 enquadramentos de projetos novos. São empresas interessadas em se instalar no Estado. Nem sempre o projeto se conclui, mas para apresentar a proposta e pedir adesão, a empresa tem custo. Então, há um grau razoável de que o projeto vá para a frente”, avalia Azevedo.

CRISE

Para o secretário, esses

sinais apontam que se inicia um quadro de recuperação e de saída do pior momento da crise.

“No geral, toda a economia sofreu muito com a crise e algumas empresas que vieram para o Estado com projeto de expansão tiveram que se adequar à realidade do mercado”, diz o secretário. “A Weg veio para cá com projeto de expansão e as informações que temos é que ela passou relativamente bem pela crise. A Volare construiu uma fábrica moderna, tem um projeto de expansão. A Oxford tem uma fatia de mercado que tem crescido. Com a melhoria do mercado, elas vão crescer mais.”

A Jurong, um dos principais projetos dessa nova diversificação da economia, sofreu com a paralisação do setor do petróleo e com o envolvimento da Sete Brasil – empresa criada para viabilizar a construção de sondas para explorar o pré-sal – na Operação Lava Jato.

Mas, segundo o titular da Sedes, como tem um grau de diversificação grande, o estaleiro aposta no setor de reparo de navios. “A atuação da Jurong é nas áreas de petróleo e naval, o que funciona para muitos projetos.” Procurada pela reportagem, a empresa de Singapura informou que não iria se pronunciar.